

7

ANAIS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

Fundados por F. GOMES TEIXEIRA
e continuados sob a direcção de A. MENDES CORRÊA

Extracto do tóme XXVI.

O pretenso rejuvenescimento do asturiense de la Guardia

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. aux. da Fac. de Ciências da Universidade do Pôrto
Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura



PÔRTO

Imprensa Portuguesa

108, Rua Formosa, 116

1941



3.3/4(460)(04)

N

ANAIS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

Fundados por F. GOMES TEIXEIRA
e continuados sob a direcção de A. MENDES CORRÊA

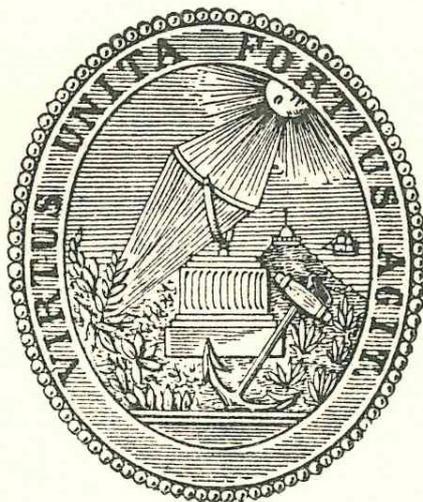
Extracto do tómo XXVI.

O pretenso rejuvenescimento do asturiense de la Guardia

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. aux. da Fac. de Ciências da Universidade do Pôrto
Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura

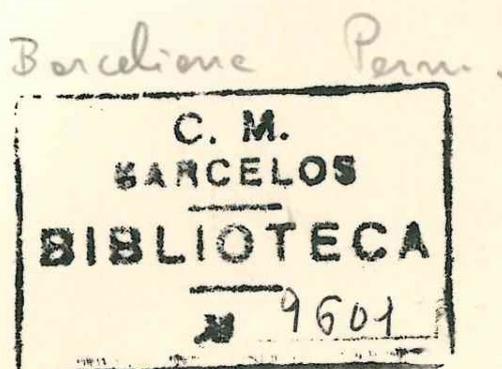


PÔRTO

Imprensa Portuguesa

108, Rua Formosa, 116

1941



10
1901
MAY 10 1901

O PRETENSO REJUVENESCIMENTO DO ASTURIENSE DE LA GUARDIA

O ilustre professor da Universidade de Valladolid C. de Mergelina, publicou no Boletim da Faculdade de Letras daquela universidade espanhola um artigo intitulado *El seudo asturiense de la Guardia* (Pontevedra) (1).

Ao 1.º Congresso do Mundo Português, Pré-história e Proto-história, realizado na Universidade do Pôrto, em Julho de 1940, apresentei um trabalho sôbre uma nova estação de tipo asturiense com que, por acaso, deparei em Gandra (Espôsende) na margem direita do rio Cávado e a cêrca dum quilómetro da sua foz, em terrenos fronteiros à vila minhota de Fão.

Nesta nova estação de tipo asturiense, infelizmente também de superfície, os instrumentos dominantes são machadinhas, do mesmo género das de Camposancos, e aparecem de mistura alguns bifaces de feição achelense, raros picos asturienses e apenas um pêso de rêde.

Tive certo embaraço na justa classificação cronológica da estação de Gandra e daí o interêsse com que li o trabalho do professor Mergelina que vamos procurar sintetizar.

De entrada o ilustre professor da Universidade de Valladolid faz uma clara síntese das sucessivas descobertas das estações asturienses ao longo da costa atlântica da Europa, estudando um pouco mais pormenorizadamente as estações galegas de La Guardia e Camposancos, ambas situadas pró-

(1) MERGELINA, *El seudo asturiense de la Guardia* (Pontevedra), in «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología», fascs. XXII a XXIV, T. VI, Valladolid, Curso 1939-1940, págs. 23 a 33, 2 figs. e VI Est.

ximo do Monte de Santa Tecla, a primeira, descoberta e «estudiada com sumo esmero» pelo P.^o Jalhay e a segunda, descoberta e cuidadosamente estudada pelo Dr. Joaquim Fontes, ilustre professor da Universidade de Lisboa.

Mergelina, em consequência dos seus estudos realizados em várias campanhas de escavações na famosa citânia de Santa Tecla, discorda das classificações estabelecidas por Jalhay e Fontes para as citadas estações líticas de La Guardia e Camposancos, e afirma que «lejos de encontrarnos frente a estaciones *achelenses* (descubrimientos de Fontes) e a yacimientos asturienses (P.^o Jalhay), no tenemos más que la supervivencia extraña de formas líticas, utilizadas por el hombre en épocas muy próximas, fenómeno solamente explicable por una pobreza característica de medio, y mejor aun, por una organizacion simplista de vida y un profundo aislamiento. Todo ello es raro y extraño, pero los descubrimientos realizados sobre el Tecla lo confirman».

Li o artigo com todo o cuidado. As considerações de Mergelina não conseguiram convencer-me. Numa segunda leitura a minha discordância mais se radicou.

São muito interessantes as considerações que faz sobre a evolução cultural da civilização citaniense de Santa Tecla. Nisso estamos de acôrdo com o ilustre professor espanhol que estabelece para a citânia uma velha origem celta, que, com o andar dos tempos, foi intensamente romanizada e mais tarde entrou em decadência, especialmente a partir do século III da nossa era, em que se deu a perda total dos antigos valores da cultura celta e da posterior cultura romana. Pensa Mergelina que o que hoje se vê em ruínas naquela velha cidade citaniense galega, «corresponde a una reocupación que hubo de iniciar-se a partir del siglo V de la era».

Analisemos, porém, as considerações que em seguida o ilustre professor da Universidade de Valladolid encadeia, tendentes a justificar o seu ponto de vista quanto à sobrevivência das formas líticas de tipo asturiense em período relativamente recente.

Primeiro. Realça Mergelina a circunstância de, em quasi tôdas as casas que escavou na citânia, ter encontrado «junto a um número sempre copioso de calhaus rolados» vários instrumentos «absolutamente idênticos» aos descobertos pelo Dr. Joaquim Fontes em Camposancos na base do Monte de

Santa Tecla junto ao rio Minho, e « con frecuencia mucho menor el pico curioso de los hiacimientos costeros, que descubriera el P.^o Jalhay ». Não diz qual o número de instrumentos de tipo de Camposancos que recolheu, ou, pelo menos, a percentagem aproximada dêstes em relação aos montes de calhaus rolados encontrados conjuntamente dentro das casas circulares; mas, quanto aos picos, diz que durante as suas campanhas só recolheu dois instrumentos dêste tipo numa casa.

Segundo. Prossegue Mergelina na análise dos calhaus rolados e machadinhas encontrados nas casas castrejas de la Tecla, dizendo que em nenhum caso verificou que pudessem ter servido como material acessório na construção das casas ou como empedrado do pavimento das mesmas, e, dada a circunstância de ser « raríssimo » encontrar algum exemplar desses calhaus rolados ou machadinhas fora da área habitada, e ainda não existir no alto do monte nenhum depósito natural de calhaus rolados de quartzite, assegura que os calhaus encontrados no pavimento das casas no mesmo nível da lareira, umas vezes dispersos outras vezes agrupados, « fueron llevados a la citania como material dispuesto a ser transformado em util en un momento determinado ».

Terceiro. Acentua Mergelina que a pátina dos instrumentos encontrados nas casas é « idêntica em absoluto » à dos encontrados em Saa, Cancelón, Salcidos, etc., estações líticas da base do monte nas imediações de Camposancos.

Quarto. Lembra Mergelina que tanto os achados de Camposancos, dados como paleolíticos pelo Dr. Joaquim Fontes, como os da praia de La Guardia, dados como asturienses pelo P.^o Jalhay, são todos de superfície. Pelo que respeita às estações das faldas do Monte de la Tecla diz, sem o demonstrar e em contradição com o que afirmara antes, ser « el yacimiento de acarreo, y a todos luces proceder sus útiles del proximo monte o de los nucleos de población antigua establecidos fuera de los encintados de muralla que limitan la citania ».

Quinto. Trata Mergelina em rápida síntese do concheiro junto de Saa e dum outro existente na Citânia sôbre o qual assentam em grande parte as muralhas que defendiam pelo sul a velha cidade de la Tecla.

Por em nenhum dêstes concheiros se terem encontrado picos, ao menos Mergelina não o refere, isto não interessa ao ponto de vista da análise crítica que nos propusemos fazer ao trabalho dêste ilustre catedrático espanhol.

De tudo o que atrás fica, ressalta, como facto comprovado, o aparecimento nas casas da citânia de Santa Tecla de grande quantidade de calhaus rolados e alguns instrumentos dos mesmos talhados.

Ora isto observa-se em muitos castros e citânias do nosso Minho, nos quais é corrente o aparecimento de grande quantidade de calhaus rolados.

É nossa opinião, e nisso estamos de acôrdo com o ilustre professor Mergelina, que êsse material lítico foi levado da base do monte, onde existe em abundância ao longo da margem do rio Minho.

É' nossa opinião, porém, que êsse material lítico deve ter sido transportado para a citânia tendo em vista a sua utilidade como projectil, a utilizar em arremêso à mão ou em qualquer arma da natureza das fundas ou similares.

De resto, mesmo muito posteriormente, durante a Idade Média, as pedras constituíam arma corrente, quer pedras pequenas atiradas à mão, ou com a funda ou com o *fustibalus*, quer pedras maiores, como os *cantos* e *galgas*, que se deixavam cair sôbre os assaltantes, das muralhas, ou rolavam pelas encostas dos montes onde assentavam os castelos, esmagando ou estropiando aquêles atacantes que não conseguissem desviar-se a tempo (1). Nas antigas fortalezas havia depósitos destas pedras.

Não é pois de admirar que na citânia de la Tecla se encontrasse grande quantidade de calhaus rolados, levados, como é natural, da base do monte para servirem como armas de arremêso. Ao apanharem os calhaus de quartzite que levavam para suas casas, os citanienses topariam, como é lógico, com alguns calhaus talhados em machadinhas, que levariam também.

Estes instrumentos encontrados nas casas circulares são os mesmos que apareciam na base do monte, o que de resto a própria e justa observação do professor Mergelina con-

(1) CAPITÃO JORGE DAS NEVES LARCHER, *Armaria portuguesa — Descrição de algumas armas e engenhos*, in « Petrus Nonius », fasc. I, vol. III, Lisboa, 1940, pág. 52 e segs.

firma, quando acentua que a pátina das machadinhas escavadas na citânia é «idêntica em absoluto» à da que se observa nos instrumentos similares que se encontram nas estações líticas da base do monte.

Como é também lógico e naturalíssimo, dada a lei geral do menor esforço, os citanienses de la Tecla transportavam os indispensáveis calhaus rolados para sua defesa, do local mais próximo, que é a base do monte que margina o rio Minho.

Se a praia de La Guardia, onde o P.^e Jalhay descobriu a sua notável estação asturiense, estivesse mais perto do alto do monte, onde assentam as muralhas da Citânia, do que as estações supostas paleolíticas da margem do rio Minho, descobertas pelo ilustre colega professor Dr. Joaquim Fontes, é de supor que a presença de picos fôsse maior do que a das machadinhas, visto que se fôsse feita na zona da praia a recolha dos calhaus para servirem de arremêso, é natural que entre êles fôsse um ou outro pico.

De resto o fabrico dum pico ou machadinha a partir dum calhau rolado de quartzite é tão fácil, que não se compreende que em vez de ser feito no próprio local onde se encontram os calhaus rolados, se devesse transportar estes para o alto do monte, onde, em casa, se procederia ao desbaste duma das extremidades do calhau.

Parece, portanto, poder concluir-se que, embora como Mergelina diz no final do seu trabalho, ainda hoje se usem «los rellos y los poutadas», em tudo semelhantes aos pesos de rêde asturienses, e «junto a un camino por donde chirria uma carreta de ruedas macizas, pasa una carretera asfaltada, por donde corre veloz un automóvil», não podemos, ao menos em face do que se lê no trabalho que vimos analisando, concordar com as afirmações do ilustre professor Mergelina, que, por insuficientemente comprovadas, me parecem na verdade assombrosas.

Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto, 17 de Março de 1941.

biblioteca
municipal
barceles



9601

O pretensu rejuvenescimento do
asturiense de la Gu

(E
9
S